

FLEXIBILIZAÇÃO PRODUTIVA E ESPAÇO URBANO E REGIONAL: O CASO DAS INDÚSTRIAS DOMÉSTICAS DA CONFECÇÃO NA MICRORREGIÃO DE TUBARÃO – SC.

Fabiola Castelo de Souza Cordovil
Fabiolacordovil@hotmail.com
Universidade Estadual de Maringá

RESUMO

A partir da globalização da economia mundial e da política liberalizante do governo federal, que abriu o mercado nacional aos produtos estrangeiros, verifica-se, a partir dos anos 80, a desverticalização da cadeia produtiva têxtil estabelecendo novas relações de produção e de trabalho, inserindo as indústrias domésticas como ponta de cadeia do seu processo produtivo.

O sul catarinense desenvolve-se baseado na economia carbonífera sendo que o município de Tubarão desenvolveu-se cumprindo um papel de centralidade microrregional e entroncamento viário, devido às funções realizadas de beneficiamento e distribuição do carvão. Com a retirada total dos subsídios estatais do setor carbonífero, a partir da década de 90, a microrregião encontra na indústria da confecção uma alternativa ao desemprego ao incorporar-se à cadeia produtiva das grandes empresas nacionais do setor têxtil.

A presente pesquisa investigou as conseqüências desta reconversão da economia. Inicialmente, caracterizou-se as indústrias no intuito de verificar a flexibilização do trabalho e conseqüente precarização dos vínculos empregatícios. Em seguida, investigou-se o surgimento e localização das indústrias detendo-se, com maior ênfase, no caso das relações e do modo de vida e de trabalho das indústrias domésticas.

Este trabalho baseou-se, fundamentalmente, na pesquisa de campo com entrevistas diretas com as indústrias confeccionistas, classificando-se diferentes categorias e analisando-se os circuitos de produção e consumo nos quais estão inseridas. Foram elaborados mapeamentos para a localização destas indústrias no espaço urbano e suas conexões regionais, além de fotos, retratando a realidade do ambiente de trabalho das indústrias confeccionistas e as condições de vida e de trabalho das costureiras.

A formação das indústrias domésticas causa isolamento dos trabalhadores, que deixam de vivenciar situações homogêneas dentro das fábricas e, com isso, formar consciência de classe. Dificulta a participação das costureiras na dinâmica da cidade, pois prescindem de deslocamentos freqüentes. Nas suas habitações, o espaço organiza-se prevendo a imbricação do universo doméstico com o espaço de produção dificultando as horas de repouso e convívio familiar. Além disso, as novas indústrias terceirizadas estabelecem novas relações de fluxos e de trabalho, modificando a lógica da dinâmica urbana e microrregional, pela localização e fluidez das etapas produtivas realizadas, transferindo, para centros de decisão longínquos, o papel de regulação da sociedade local.

1. INTRODUÇÃO

Este estudo refere-se às transformações nas relações de trabalho, decorrentes da reorganização produtiva e espacial das grandes firmas nacionais, a partir da análise da indústria têxtil na microrregião de Tubarão – SC. Buscou-se analisar a situação das indústrias domésticas, das redes de subcontratação das indústrias têxteis e confeccionistas, no sentido de compreender a nova lógica de inserção espacial frente à flexibilização da estrutura produtiva e de comercialização no sul do estado de Santa Catarina.

A microrregião em estudo é composta por dezoito municípios, cuja maioria, a partir da década de 90, principalmente, vai encontrar na subcontratação têxtil, através da execução de

etapas produtivas da confecção, uma forma de dinamizar a economia, estabelecendo novas relações de trabalho e novos fluxos produtivos.

O Sul Catarinense havia se desenvolvido com base na economia carbonífera, onde as diferentes etapas produtivas eram compartilhadas pelos municípios microrregionais, destinando a função de comando ao município de Criciúma, sede da atividade extrativista. Tubarão processava o beneficiamento do carvão, através do Lavador de Capivari, localizado no município de Capivari de Baixo, emancipado de Tubarão em 1992. O carvão nacional, de baixo teor calórico, fez parte da política nacional de constituição de um parque industrial brasileiro, através do desenvolvimento consecutivo de setores econômicos pelo processo substitutivo de importações. (TAVARES, 1993)

Na década de 1980, o governo federal inicia o processo de retirada dos subsídios estatais, mantendo simplesmente a redução das tarifas de transporte até o porto de Imbituba. Posteriormente, por um decreto presidencial do Governo Collor, retira todo o tipo de incentivo, promovendo a entrada do produto estrangeiro, de melhor qualidade e de menor preço, resultando em privatizações do setor e em demissões em massa (PIMENTA, 1997).

A indústria da confecção surge, então, como uma alternativa à crise, dinamizando a economia dos municípios, na forma de unidades subcontratadas pelos grandes centros industriais de regiões têxteis tradicionais. Assim se estabelecem as redes de subcontratação, atingindo diversos níveis de fluxos de produção e venda.

2. REESTRUTURAÇÃO INDUSTRIAL

Na indústria de confecção, diferentemente dos outros setores em que se implantam as redes de subcontratação, como no caso do metal-mecânico que buscam a cooperação mercantil e tecnológica, visa-se apenas a redução significativa dos custos de produção, a partir da desvalorização do trabalho. Isso faz com que as relações entre as indústrias e as suas subcontratadas sejam extremamente frágeis.



Figura 1 – Localização da microrregião de Tubarão.

Fonte: Elaborado a partir do mapa da microrregião de Tubarão, Atlas de Santa Catarina. 1991.

As redes de subcontratação estão contidas dentro da generalização de um processo atual de flexibilização das relações capitalistas, que atingem vários setores de produção, entre eles, a indústria têxtil. Neste caso, as indústrias domésticas e as facções formam as unidades subcontratadas, estabelecendo novas relações de fluxos e de trabalho entre os municípios polarizados por Tubarão, o espaço regional, nacional e, até mesmo, o internacional.

A desverticalização da cadeia produtiva da indústria têxtil iniciou-se a partir dos anos 80, impulsionada pela instabilidade decorrente da crise econômica e o processo de globalização da economia mundial. Este processo promoveu, a partir da década de 90, a entrada de produtos estrangeiros sem critérios, quebrando as indústrias nacionais, e originando, com isso, relações de trabalho mais flexíveis e precárias.

A indústria doméstica da confecção aparece sob uma forma peculiar de condições de trabalho. A relação existente no modo e no espaço de trabalho, em muitos casos, é extremamente opressora, existindo um espaço mínimo para um número máximo de costureiras e, muitas vezes, o que recebem por seus serviços, que é computado por produção, atinge um pouco mais que um salário mínimo. O desemprego e a precariedade dos vínculos de trabalho enfraquecem as condições de manutenção da qualidade de vida dos trabalhadores da indústria confeccionista.

Com o estabelecimento dessas novas relações de trabalho e os novos fluxos produtivos, a paisagem da microrregião vem sendo modificada para atender à economia globalizada, criando uma nova realidade espacial. A dinâmica das novas relações se insere nas condições existentes, mas faz com que a microrregião dependa cada vez mais de muitas outras relações, sejam elas locais, regionais, nacionais ou internacionais. Esta dependência provoca uma mudança na configuração espacial, pois a sociedade está em movimento, transformando as relações, mesmo que, aparentemente, as mudanças não sejam visíveis.

.... Podem as formas, durante muito tempo, permanecer as mesmas, mas como a sociedade está sempre em movimento, a mesma paisagem, a mesma configuração territorial, nos oferecem, no transcurso histórico, espaços diferentes (SANTOS, 1991:77)

São essas novas relações que fazem com que os espaços organizados sob a influência de Tubarão estabeleçam novos fluxos e nova organização produtivos, assim como reorganizem a vida das populações locais.

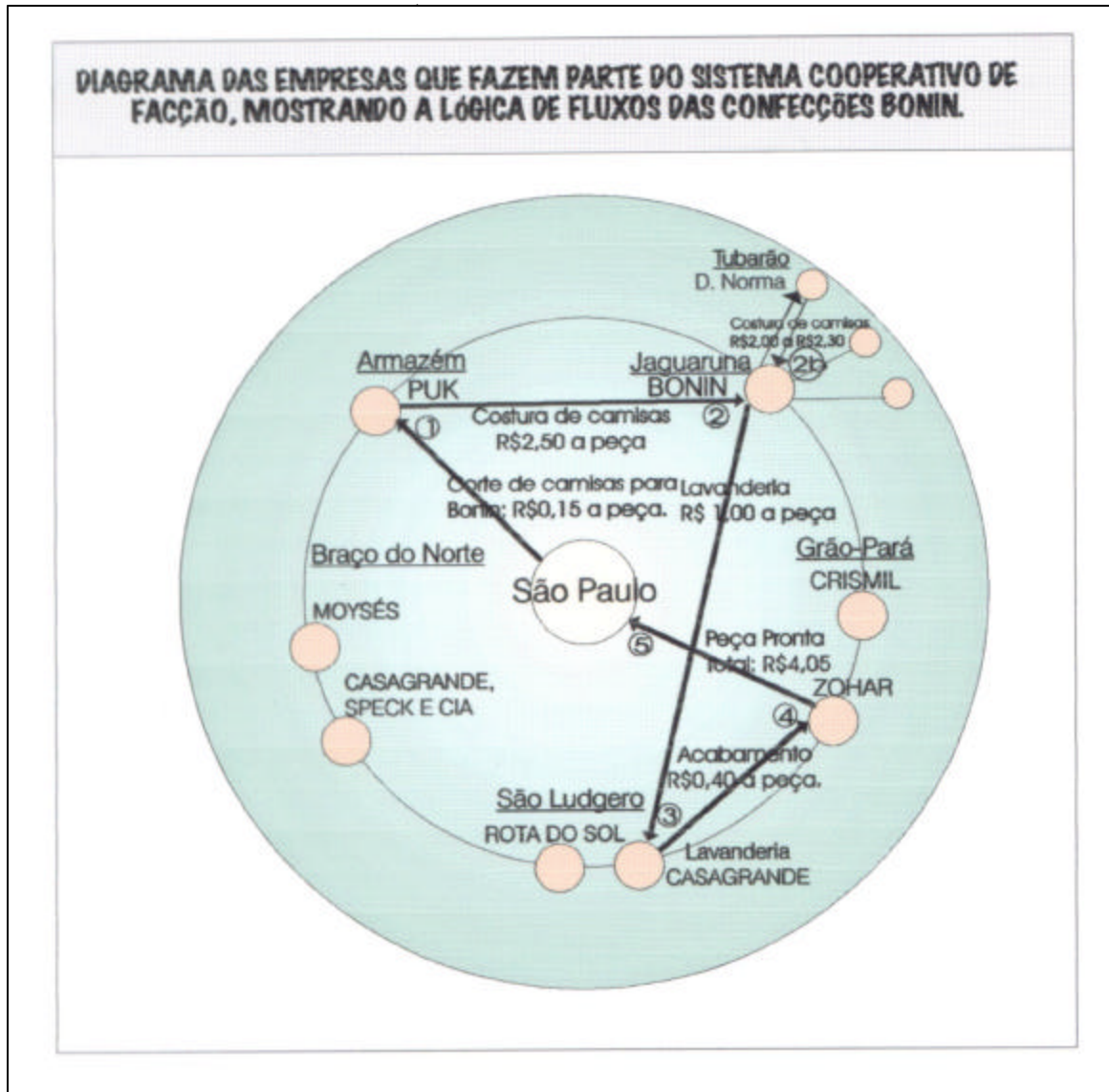


Figura 2 – Diagrama das empresas que fazem parte do sistema cooperativo de facção, mostrando lógica de fluxos das Confecções Bonin. Fonte: CORDOVIL. 2001.

3. CARACTERÍSTICAS E LOCALIZAÇÃO ESPACIAL DAS INDÚSTRIAS DA CONFECÇÃO NA MICRORREGIÃO DE TUBARÃO – SC.

Na microrregião de Tubarão existem, principalmente, dois tipos de indústrias da confecção: as tradicionais e as terceirizadas.

As tradicionais são aquelas que conservam a cadeia produtiva verticalizada, com autonomia produtiva e com todos os seus empregados registrados em carteira de trabalho. Possuem marcas próprias e sua produção é comercializada por lojas e representantes que abrangem vários circuitos do mercado, sejam locais ou nacionais. Algumas, no entanto, passaram a subcontratar, quando necessário e em determinadas etapas do processo produtivo.

As terceirizadas são mais complexas e fazem parte da desverticalização da cadeia produtiva de firmas nacionais e, com isso, executam diversas etapas do processo da confecção, indo do corte ao acabamento; ou apenas a intermediação entre mercados e indústrias. Como se pôde verificar na microrregião de Tubarão, as indústrias de confecção, deste tipo, subdividem-se em facções, subcontratantes e indústrias domésticas, inserindo-se com mais vigor dentro do processo atual de flexibilização produtiva. Ainda há as pessoas que fazem apenas a intermediação entre a indústria doméstica e outra indústria de confecção, formalizada ou não.

Para explicar a nova lógica de produção e no intuito de entender os novos processos da atual conformação industrial do setor confeccionista, foram investigadas questões como formação, equipamentos e mão-de-obra, circuitos de produção e venda, e outras características. Deteve-se, com mais atenção, nas indústrias domésticas, explicando a complexidade da nova lógica das relações, bem como as condições de trabalho.

3.1. Localização Geral das Indústrias da Confecção

Ao se vislumbrar as formas espaciais consolidadas, não se consegue visualizar e nem imaginar a complexidade das teias de relações que se tecem por trás dessas formas. São as situações comuns, consideradas normais em um cotidiano capitalista, onde a produção propriamente dita, circulação, distribuição e consumo ou, segundo Santos (1991), as interações entre fixos e fluxos são determinantes para o seu funcionamento. Dentro deste contexto procura-se explicar a lógica dos circuitos espaciais de produção com seus fluxos, intensidade e direções, pois “*O mundo encontra-se organizado em subespaços articulados dentro de uma lógica global. Não podemos mais falar de circuitos regionais de produção...*” (SANTOS, 1991:49)

No limite geográfico imaginário estudado onde há muitos “subespaços articulados dentro de uma lógica global”, (SANTOS, 1991) formado por dezoito municípios com diversas características, comuns e peculiares, estima-se que vivam mais de trezentas e trinta mil pessoas, segundo o IBGE (2000).

Para analisar a localização dos diversos tipos de empresas e trabalhadores, foram adotados dois critérios de investigação: o primeiro foi a mensuração da participação da indústria da confecção nos municípios da microrregião a partir de dados formais fornecidos pela Secretaria da Fazenda do Estado de Santa Catarina elaborando, assim, um mapeamento geral dos municípios; o segundo relaciona-se às indústrias informais, ou seja, às indústrias domésticas cuja grande maioria não aparece nos dados da Secretaria da Fazenda. Para detectá-las percorreu-se os municípios da microrregião ao longo de quatro anos de pesquisa *in loco*.

Procurou-se, primeiramente, traçar um panorama geral da localização das indústrias da confecção no espaço em estudo, utilizando-se como ponto de partida os dados formais do Valor Adicionado Fiscal¹ para a indústria da confecção nos anos de 1990, 1995, 1997 e 1999. É

¹ Os dados do Valor Adicionado foram elaborados pela Secretaria de Estado da Fazenda, Gerência de Estatística e Informática, disponibilizado pela Secretaria de Desenvolvimento Urbano e Meio Ambiente de

possível, assim, estabelecer uma classificação para investigação posterior, objetivando abordar os municípios² mais relevantes para a indústria da confecção, relacionando, por fim, sua conformação da malha urbana e articulação viária regional.

Num segundo momento, o mais difícil e, por isso mesmo, desafiante foi encontrar os estudos de casos que se analisam neste trabalho, pois muitos não aparecem, nem mesmo espacialmente, nos dados do Valor Adicionado, como o que ocorre com as grandes indústrias e comércios. Os casos aqui estudados parecem estar camuflados e totalmente dispersos, sofrendo, além do mais, processos diferentes de formação e de inserção no circuito de produção e de mercado. Tais fatos tornam a situação extremamente confortável para os donos dos meios de produção, pois não havendo uma concentração da classe operária, não há a mínima possibilidade de organização de classe, de consciência coletiva, facilitando, portanto, a resignação dos trabalhadores perante a situação em que se encontram.

As indústrias tradicionais estão predominantemente localizadas no município de Tubarão, possuem um disparado Valor Adicionado da microrregião que cresce sistematicamente de 1990 para 1999, mostrando uma característica de concentração por ser um município de fácil acessibilidade viária, pela BR-101, e de comércio e de serviços. Por isso mesmo, Tubarão concentra diversos tipos de indústrias, desde as facções com grande capital constante e variável, até as tímidas indústrias domésticas.

Há indústrias domésticas, com maior infra-estrutura, que costumam, eventualmente, para as facções inseridas no circuito nacional, enquanto as de menor porte voltam-se para lojas do *out-let* ou centro de venda direta, chamado de Feinvest Lovestory, e para as lojas de Termas do Gravatal. Localizam-se, principalmente, na periferia dos municípios de Tubarão, Gravatal, Capivari de Baixo e, mais recentemente e de forma ainda incipiente, em Laguna. Nestes quatro municípios estão concentrados diversos tipos de empresas, pois estão no eixo de maior demanda dos produtos. No entanto, a distribuição das empresas nestes municípios é diferente, pois estes quatro municípios têm características peculiares.

No geral, as indústrias domésticas localizam-se nos bairros e nas localidades onde o valor do solo é mais baixo. São locais mais afastados, na periferia dos quatro municípios referidos, onde a infra-estrutura é bastante precária, com ruas sem pavimentação, esgoto correndo a céu aberto, falta de frequência das linhas de ônibus, e etc..

Santa Catarina, na pessoa do Sr. João Andersen. Os valores foram deflacionados com ajuda do Programa Indexa, utilizando-se como índice o IGP-DI para janeiro de 2001.

² Considerou-se os dez municípios que mais tiveram uma participação do setor confeccionista, como tendo um Valor Adicionado Fiscal de R\$220.000,00 a R\$9.855.950,00 no ano de 1999.

4. AS INDÚSTRIAS DOMÉSTICAS

A partir da década de 1990, o rebaixamento das condições de trabalho, com a progressiva perda de direitos e garantias trabalhistas conquistados historicamente, foi uma alternativa encontrada por empresários do setor têxtil para a sobrevivência frente à abertura de mercado brasileiro.

Os maiores prejudicados foram os trabalhadores facilmente substituíveis, pois se viram sem emprego de uma hora para outra e tiveram que se submeter às frágeis relações que se vislumbravam, pois a insegurança ocorrida pela retração do mercado alterou profundamente a estrutura empregatícia, fazendo com que os trabalhadores aceitassem relações de trabalho instáveis e precárias.

O retorno do trabalho a domicílio altera a lógica da mobilidade entre moradia e trabalho, refletindo-se, conseqüentemente, no espaço urbano. (PIMENTA, 1999). Além disso, espacialmente, conformam-se novas relações entre fixos e fluxos (SANTOS, 1991), pois são crescentes as conexões entre áreas cada vez mais distantes.

As indústrias domésticas são células de produção subcontratadas que se organizam dentro da unidade familiar, não possuindo contrato formal ou registros legais. Muitas costureiras, devido às dificuldades de inserção no mercado de trabalho formam tais indústrias, trabalhando em ritmo frenético e precariamente, recebendo um pagamento que não faz jus ao número de horas trabalhadas e sem garantias trabalhistas. Esta situação cria um novo espaço de trabalho, insalubre e de acentuada exploração da força de trabalho.

Existe, no entanto, um processo de diferenciação entre as indústrias domésticas, que ocorre logo em sua gênese. Em alguns casos, as indústrias domésticas estão formalizadas, devido às condições propícias de acumulação inicial, às perspectivas de obtenção de linhas de crédito e à conseqüente articulação no mercado confeccionista através de subcontratantes ou intermediários inseridos em circuitos em expansão.

Detectou-se, dentro da categoria da indústria doméstica, três tipos diferentes de indústrias domésticas: as que conseguem inserir-se em um circuito em expansão, aumentando continuamente sua acumulação, sendo subcontratadas muitas vezes por facções que trabalham no circuito nacional; as indústrias domésticas que estão em um circuito de abrangência progressiva, faccionando para lojas de um centro mais dinâmico com vendas para *out-lets* ou centros de venda direta de fábrica, onde há demanda ou, eventualmente, para subcontratantes em expansão de sua atividade ou território; e as que estão em centro menos ativo e produzem para venda própria, em sua casa, através de sacoleiras ou, exclusivamente, para uma loja do centro da cidade.

A maior parte das indústrias entrevistadas iniciou suas atividades no ramo em meados da década de 90, justamente no período em que o desemprego aumentou vertiginosamente em conseqüência da política liberalizante que abriu o mercado nacional aos produtos estrangeiros.

A indústria doméstica forma-se, então, para fornecer mão-de-obra barata à demanda que as indústrias confeccionistas e lojas de venda direta solicitam. Com o passar do tempo, principalmente a partir de 1997, muitas indústrias domésticas proliferaram, aumentando a oferta e estabelecendo uma relação de trabalho cada vez mais precária.

A maioria das costureiras domésticas provém do meio rural, da própria região onde estão inseridas atualmente. Tiveram seu primeiro contato com a costura como empregadas de firmas formalizadas. Saíram destas firmas por diversos motivos: pelo fechamento da firma, por terem atingido uma idade em que as firmas não têm mais interesse em mantê-las devido à sua lentidão produtiva, ou porque tiveram condições de adquirir maquinário para trabalhar em casa, ganhando mais do que nas firmas. Outras indústrias domésticas formam-se com costureiras tradicionais que, não tendo mais condições de concorrer no mercado das roupas prontas, transformam seu atelier de roupas sob medida em indústrias domésticas.

Verificou-se que há duas formas de montar uma indústria doméstica: quando as costureiras estruturam-se através de uma acumulação inicial que, geralmente, conta com apoio dos componentes familiares para adquirirem seu maquinário; ou quando são demitidas, forçadas ou não, sendo a indústria doméstica a única saída para sobreviverem, submetendo-se a relações precárias de trabalho. Essas duas situações distintas refletir-se-ão em formações e inserções diferentes de indústrias domésticas, ou seja, com menos ou mais estrutura ou com relações desiguais de exploração.

As relações, neste setor, são baseadas na máxima exploração do trabalho alheio; quanto mais destituído o trabalhador, mais explorado. E quanto menos chance de inserir-se no mercado de trabalho, mais o trabalhador submete-se aos vínculos precários. Com a proliferação do número de indústrias domésticas, sua realidade modifica-se, aumentando o grau de exploração por parte dos subcontratantes.

Os períodos de maior produção e de queda produtiva obedecem, basicamente, um intervalo de três meses. Os meses de abril, maio e junho são meses de produção acelerada para o inverno, já nos meses de julho, agosto e setembro não se produz ou se produz muito pouco, pois são os meses de venda de inverno, quando o subcontratante ou as lojas têm produtos estocados. Quase no final de setembro, a produção aumenta lentamente. Nos meses de outubro, novembro e dezembro produz-se para o verão e nos meses de janeiro, fevereiro e março diminui-se o ritmo da produção novamente. Logo, as indústrias domésticas trabalham na base de três meses e param outros três. Em meses de baixa produção, o subcontratante oferece um preço menor pelas peças, tendo uma queda que fica em torno de 38%.

As costureiras são pagas de acordo com as peças produzidas que recebem cortadas. Há duas formas de obter as peças talhadas: ou recebem nas suas próprias residências e as entregam da mesma forma, ou seja, o próprio subcontratante ou intermediário as leva e as busca prontas; ou há casos em que o subcontratante exige, como pré-requisito para subcontratar a indústria doméstica, que esta tenha condições de buscar as peças cortadas e levá-las prontas, determinando que as costureiras tenham uma acumulação inicial maior, no caso um meio de transporte.

4.1. Os Meios de Produção na Indústria a Domicílio

A questão do maquinário é muito importante, pois determinará a trajetória da indústria doméstica.

Há casos em que os subcontratantes alugam as máquinas para as costureiras produzirem seus lotes, o que não representa grande vantagem, pois exigem, em troca, um menor preço por peça. As costureiras preferem, então, adquirir suas próprias máquinas para diminuir a exploração dos subcontratantes.

O mínimo de maquinário necessário para iniciar uma confecção vai depender do tipo de produto. No caso do jeans são necessárias, segundo SEBRAE (1996), as máquinas de costura reta, overloque, interloque, caseadeira, máquina de pregar botão ou botoneira e máquina de duas agulhas de ponto fixo. Já para a confecção de camisas são necessárias as máquinas de costura reta, de fechamento, caseadeira e botoneira. Para as confecções de lingerie necessita-se da máquina de costura reta, da overloque, da zig-zag e máquina de colocar elástico. Para as confecções de malha são imprescindíveis as máquinas overloque, reta e galoneira.

O capital disponível na formação da indústria doméstica reflete-se no próprio espaço da produção, no número de costureiras trabalhando e no maquinário. Estes, por sua vez, refletir-se-ão no preço cobrado por peça.

A qualidade e a rapidez em que se fecham as peças são determinantes e, por sua vez, têm relação direta com o número de maquinário na unidade produtiva. A possibilidade de possuir maquinário determinará a inserção em um circuito de produção e de venda mais amplo. Quanto maior o número de costureiras destituídas costurando dentro da indústria doméstica, maior agilidade na produção.

4.2. As jornadas de Trabalho

Nos meses de maior produção, próximo ao Natal, as costureiras trabalham aos sábados, domingos e feriados, começando às oito da manhã e indo até, em média, às nove da noite. Mais uma vez, constata-se a importância do maquinário na relação com o subcontratante, pois quando este aluga as máquinas exige mais. Além do preço baixo por peça, estende-se a jornada intensa, noites inteiras e finais de semana para dar conta da pressa imposta. Mesmo quando o intermediário ou o faccionista não alugam as máquinas, o atendimento do prazo pode significar futuras encomendas. Por isso, as costureiras fazem o que for preciso para ter essa tênue garantia, esquecendo o cansaço físico, as dores pelo corpo e o perigo da ingestão contínua de medicamentos. Afinal, o que importa para elas é a sobrevivência hoje.

A jornada de trabalho das costureiras é, em média, de treze horas por dia, justificam esta situação por ser um serviço esporádico, como não tem sempre, quando os clientes trazem os lotes exigem rapidez na entrega. Chegam, por isso, a trabalhar das oito da manhã às onze da noite, somando um total de quinze horas de trabalho por dia. Mas há casos em que esta jornada estende-se para chegar ao absurdo de uma média de dezenove horas diárias.

Há casos de costureiras que cumprem dupla jornada de trabalho: confeccionando em uma indústria de confecção ou loja de dia, com carteira assinada, e informalmente à noite e de madrugada, horário em que deveriam estar em casa. É o caso exposto por Dona Sinira que dormia apenas quatro horas por dia. Não se pode esquecer das duplas jornadas de trabalho na indústria doméstica, quando se chega a trabalhar quase vinte horas por dia.

Estas jornadas estafantes, comuns em quase todas as indústrias domésticas entrevistadas, causam problemas físicos e de saúde muitas vezes irreversíveis.

4.3. O Universo Doméstico

A grande maioria coincide com o fato de que se começou a confeccionar em um local da casa que não foi planejado para abrigar uma indústria doméstica, ou seja, a indústria ocupou inicialmente um espaço de uso cotidiano familiar, transferindo a função existente para um outro local ou, simplesmente, eliminou a antiga função em prol da instalação das máquinas para o trabalho.

Nestes locais de trabalho, é comum encontrar crianças sendo criadas ao lado das máquinas de costura, convivendo com a mesma ansiedade e fadiga das jornadas de trabalho intensas que duram, em média, treze horas por dia. Este é um tempo em que se fecha o número máximo de peças para se conseguir atender às exigências dos subcontratantes garantindo, assim, novas encomendas.

Todos os entrevistados coordenam as atividades da indústria doméstica com as de casa, criando os filhos, ao mesmo tempo em que têm que executar as tarefas domésticas e de costura.

As tarefas domésticas ficam em segundo plano, sendo comum encontrar a desorganização e a sujeira nestes ambientes, já que não se tem tempo para cuidar das tarefas domésticas, a não ser que se faça uma dupla jornada de trabalho que atinge as madrugadas; ou seja, nas noites que deveriam descansar, as costureiras cumprem as tarefas tradicionalmente femininas, como a limpeza e a organização do lar.

No geral, o ar e a luz destes locais são insuficientes para garantir a salubridade e o conforto para as costureiras, apesar das ampliações sistemáticas de algumas indústrias domésticas. Não se tem noção das regras básicas para um ambiente de trabalho, no mínimo, saudável. É comum verificar que em um espaço onde trabalham trinta pessoas há apenas aberturas com elementos vazados e uma janela com pequenas aberturas.

Além disso, o espaço de convivência familiar confunde-se com o da produção, sendo permanentemente invadido por pessoas estranhas à casa, atingindo os conceitos de privacidade e intimidade familiar tão importantes para a formação moral das crianças.

Dependendo da composição familiar, como número de filhos, número de costureiras trabalhando, quantidade de maquinários, frequência das encomendas, espaço disponível para o

alojamento da indústria doméstica, podem haver maiores ou menores transtornos na relação entre indústria e espaço de convivência familiar. O engajamento familiar, em forma de apoio financeiro ou de mão-de-obra, diferencia as indústrias domésticas.

Estas foram algumas das conclusões verificadas ao longo do tema pesquisado, espera-se que, com esta breve explanação, se possa transmitir à sociedade, que não vivencia esta realidade, como vivem e como se relacionam os trabalhadores do setor confeccionista na microrregião de Tubarão, SC, além de fornecer mais um dado para se repensar os rumos da política neoliberal empreendida nos últimos anos pelo governo brasileiro.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CASTEL, Robert. **As Metamorfoses do Trabalho** in: Globalização o Fato e o Mito. Rio de Janeiro: UERJ. 1998.
- CORDOVIL, Fabíola C. de S. **A Situação das Indústrias Domésticas das Redes de Subcontratação Têxteis no Espaço Urbano e Microrregional de Tubarão – SC.** Dissertação de Mestrado em Geografia. Florianópolis. 2001.
- MARX, Karl. **O Capital – Crítica da Economia Política** Livro Primeiro: O Processo de Produção do Capital. Volume I. 13ª edição. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil S.A. 1989.
- MATTOSO, Jorge. **O Brasil Desempregado** – como foram destruídos mais de 3 milhões de empregos nos anos 90. São Paulo: Perseu Abramo. 1999.
- PETRAS, James F. **Os fundamentos do neoliberalismo** in: No Fio da Navalha – Críticas das reformas neoliberais de FHC / Nildo Ouriques e Waldir Rampinelli (org.). São Paulo: Xamã. 1997
- PIMENTA, Margareth de C. A. **Globalização e trabalho na região carbonífera catarinense.** I Encontro Internacional de Geografia da Bahia. 1997.
- PIMENTA, Margareth de C. A. **Flexibilidade produtiva e vida urbana no Sul catarinense** Trabalho apresentado no Congresso da ANPUR, Porto Alegre, maio de 1999.
- SANTOS, Milton. **Metamorfoses do Espaço Habitado.** 3ª edição. São Paulo: Hucitec. 1991.
- SEBRAE – Serviço de Apoio às Micros e Pequenas Empresas. **Confecção de Jeans.** São Paulo: SEBRAE/SP. 1996
- SEBRAE – Serviço de Apoio às Micros e Pequenas Empresas. **Confecção de Camisas.** São Paulo: SEBRAE/SP. 1996
- SEBRAE – Serviço de Apoio às Micros e Pequenas Empresas. **Confecção de Roupas de Malha.** São Paulo: SEBRAE/SP. 1996
- SEBRAE – Serviço de Apoio às Micros e Pequenas Empresas. **Confecção de Lingerie.** São Paulo: SEBRAE/SP. 1996
- SINGER, Paul. **Globalização e Desemprego: Diagnóstico e Alternativas.** Editora Contexto. 3ª edição. 1999. São Paulo – SP.
- TAVARES, Maria da Conceição . **Emprego versus Desemprego.** Folha de S. Paulo, 16/08/98
- TAVARES, Maria da Conceição. **Competição Selvagem e Destruição Maciça.** Artigo publicado no Jornal O Globo em 15/06/96.
- TAVARES, Maria da Conceição. **Os especuladores querem picar o burro.** Jornal do Brasil. 20/07/97

TAVARES, Maria da Conceição. **Tendências da Globalização, Crise do Estado e seus impactos sobre o Brasil.** Artigo retirado da página: <http://www.informe.com.br/hotinfo/conceicao/index..> 1993. Acessado em janeiro de 2001.

Agradecimentos: Agradecemos às trabalhadoras da indústria doméstica que nos receberam com tanta atenção em suas casas, deixando de lado as preciosas horas de sobrevivência frente à máquina de costura.